

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

MARIA KAILANNE COSTA LIMA

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA EM ANGÉLICA, DE LYGIA
BOJUNGA NUNES**

Pedreiras - MA
2025

MARIA KAILANNE COSTA LIMA

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA EM ANGÉLICA, DE LYGIA
BOJUNGA NUNES**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva

Pedreiras - MA
2025

Lima, Maria Kailanne Costa.

A construção da subjetividade feminina em “Angélica”, de Lygia Bojunga / Maria Kailanne Costa Lima. – Pedreiras - MA, 2025.
51 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2025.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva.

1. Subjetividade feminina. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Relações de poder. 4. Lygia Bojunga. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)


Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

MARIA KAILANNE COSTA LIMA


Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva


Aprovação em: 23 / 12 / 2025

Documento assinado digitalmente
 **FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA**
Data: 14/01/2026 17:05:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ORIENTADOR
Francinaldo Pereira da Silva

Documento assinado digitalmente
 **RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA**
Data: 15/01/2026 09:51:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

1º EXAMINADOR
Rubenil da Silva Oliveira

Documento assinado digitalmente
 **WELIDA MARIA GOUVEIA SILVA**
Data: 14/01/2026 13:56:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2º EXAMINADOR
Welida Maria Gouveia da Silva

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, ao meu Deus, autor da minha vida. Dedico, em especial, à minha mãe, Edilean, que sempre foi minha maior força e inspiração. Dedico também, com muito amor e saudade, à minha vó Dausira (in memoriam), que sempre foi essencial em minha vida e que, embora não esteja aqui para me ver formar, permanece presente em cada conquista minha.

AGRADECIMENTOS

Ao chegar a este momento, meu coração transborda de gratidão ao lembrar de todas as bênçãos recebidas e as lutas que me fizeram chegar até aqui. A conclusão deste trabalho representa mérito apenas pessoal, mas uma conquista que compartilho com todos que contribuíram para minha trajetória. Assim, dedico meus agradecimentos aos que sempre acreditaram em mim e estiveram ao meu lado.

Essencialmente, agradeço ao meu bom Deus, que foi o pilar que me manteve firme durante todo esse processo. Com seu amor e bondade inesgotáveis, deu-me forças para seguir em frente, mesmo quando os desafios se mostravam grandes demais. Minhas conquistas e minha gratidão sempre serão entregues a Ti.

À minha família, que esteve presente em todos os momentos, acreditando em mim diariamente. Em especial, agradeço à minha mãe, Edilean, sem ela nada disso seria possível, seu amor, cuidado e apoio foram meu maior guia.

Agradeço também aos meus amigos, especialmente Francimeire e Eduardo, que tornaram essa caminhada mais leve, oferecendo-me força e incentivo, inclusive nos momentos em que eu mesma duvidei. Cada conselho, palavra de conforto e gesto de carinho foram fundamentais para que eu permanecesse firme. Sou imensamente grata pela vida de vocês.

Ao meu orientador, Me. Francinaldo Pereira da Silva, por ter me conduzido ao longo deste processo com paciência e cuidado. Seu acompanhamento foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço por ter aceitado o convite e por cada palavra de apoio e incentivo.

Aos meus professores que, sem dúvida contribuíram para realização deste trabalho. Cada ensinamento, palavra de apoio e acolhimento foram fundamentais para construção do meu aprendizado e para que eu alcançasse essa conquista.

A Universidade Estadual do Maranhão, que se fez casa ao longo desses quatro anos, agradeço pela oportunidade e por todo suporte oferecido. Estendo meus agradecimentos a todos os funcionários que, com muita dedicação e esforço fazem com que a Uema seja esse lugar de aprendizado e crescimento.

“A literatura oferece à criança um espaço simbólico para compreender a si mesma e ao mundo.”

Teresa Colomer

RESUMO

O presente trabalho insere-se nos estudos de literatura infantojuvenil brasileira contemporânea e propõe problematizar a construção da subjetividade feminina na narrativa, com ênfase nas relações de poder, nos mecanismos de silenciamento e nas formas de resistência vivenciadas pela protagonista. A pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica e tem como corpus de análise a obra *Angélica* (2019), de Lygia Bojunga, que em sua narrativa reflete as tensões sociais que dialogam com o contexto histórico da obra, tornando as formas de resistência construídas por Angélica algo que não se restringe apenas ao individual, mas inscrevem-se em um movimento mais amplo das estruturas autoritárias e patriarcais. O estudo fundamenta-se nos pressupostos das teorias de Michel Foucault (1988), (1979), (2008) e (1996). Articulando-se as autoras feministas, Simone de Beauvoir (1949), Judith Butler (1990) e Michelle Perrot (2005), como também as autoras que discutem a importância do estudo em literatura infantojuvenil, Maria Nikolajeva (2023) e Nelly Coelho (1981). A narrativa evidencia que a subjetividade da protagonista é marcada por conflitos sociais, tornando-se essencial discutir como o enredo releva uma literatura como um espaço de denúncia e construção identitária. Assim, o trabalho destaca a relevância da articulação entre literatura e teoria, compreendendo a complexidade das práticas que atravessam a formação subjetiva da figura feminina e suas relações de poder.

Palavras-chave: Subjetividade; Figura feminina; Literatura infantojuvenil; Relações de poder; Lygia Bojunga.

ABSTRACT

The present study is situated within contemporary Brazilian children's and young adult literature studies and aims to problematize the construction of female subjectivity in narrative, with an emphasis on power relations, mechanisms of silencing, and forms of resistance experienced by the protagonist. The research is qualitative and bibliographical in nature, and its corpus of analysis is the work *Angélica* (2019), by Lygia Bojunga, whose narrative reflects social tensions that dialogue with the historical context of the work, making the forms of resistance constructed by Angélica not restricted to the individual sphere but inscribed within a broader movement of authoritarian and patriarchal structures. The study is grounded in the theoretical assumptions of Michel Foucault (1988, 1979, 2008, 1996), articulated with feminist authors Simone de Beauvoir (1949), Judith Butler (1990), and Michelle Perrot (2005), as well as scholars who discuss the importance of studies in children's and young adult literature, such as Maria Nikolajeva (2023) and Nelly Coelho (1981). The narrative demonstrates that the protagonist's subjectivity is marked by social conflicts, making it essential to discuss how the plot reveals literature as a space for denunciation and identity construction. Thus, the study highlights the relevance of articulating literature and theory in order to understand the complexity of the practices that permeate the formation of female subjectivity and its power relations.

Keywords: Subjectivity; Female figure; Children's and young adult literature; Power relations; Lygia Bojunga.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. LYGIA BOJUNGA E SEU PAPEL NA RENOVAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL	13
2.1 Contribuições de Lygia Bojunga para a literatura infantojuvenil brasileira.	13
2.2 Representação feminina na obra de Lygia Bojunga	16
2.3 Estilo e características da narrativa de Lygia Bojunga	19
3. A SUBJETIVIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL	23
3.1 Perspectiva Foucaultiana.....	24
3.2 Construção social do ser feminino: patriarcado e subjetivação.....	27
3.3 Olhar feminista sobre a subjetividade.....	31
4. A VOZ FEMININA COMO RESISTÊNCIA EM ANGÉLICA DE LYGIA BOJUNGA	35
4.1 A escrita e a fala como construção de identidade	36
4.2 Subjetividade e emancipação.....	40
4.3 Angélica como exemplo de resistência	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

A construção da percepção de si, do outro e do mundo ocorre muitas das vezes por meio da subjetividade, entendida como um processo dinâmico e contínuo de formação do sujeito em suas experiências individuais e sociais. Na literatura infantojuvenil contemporânea, esse conceito assume relevância especial, à medida que as narrativas passam a focalizar os conflitos internos, os afetos e as relações sociais vivenciadas por personagens em processo de formação identitária. Nesse contexto, a obra da escritora brasileira Lygia Bojunga destaca-se por ser uma das pioneiras a inaugurar, no Brasil, uma forma mais sensível, crítico e subjetiva de narrar a infância e a juventude, rompendo com os modelos moralizantes e tradicionais que por muitos anos marcaram esse campo literário.

A publicação de *Angélica* (2019) insere-se em um momento de transformação da literatura infantojuvenil brasileira, quando novos enredos, personagens e temáticas passam a representar conflitos mais complexos, aproximando a narrativa da realidade social dos leitores. Diferentemente das produções tradicionais, a obra apresenta uma protagonista que não se limita a desempenhar papéis socialmente prescritos, mas que questiona, sofre, deseja e resiste. A narrativa constrói assim, uma personagem dotada de interioridade, memória e consciência, possibilitando uma reflexão profunda sobre o processo de formação da subjetividade feminina desde nova.

Ao longo da narrativa, Angélica, uma cegonha, que personifica a figura feminina, vivencia conflitos relacionados à repressão familiar, aos silenciamentos impostos e às expectativas sociais destinadas as mulheres. Tais elementos contribuem para a compreensão da personagem como sujeito em constante tensão entre o que lhe é imposto e o que deseja ser. Diante disso, esta pesquisa interroga de que modo a narrativa de Bojunga constrói a subjetividade feminina por meio das representações e experiências vivenciadas pela protagonista, a subjetividade feminina se manifesta por meio do olhar de Angélica sobre si e sobre o mundo, relevando as marcas do autoritarismo e, da dominação e da resistência que atravessam sua trajetória. Essa representação configura a literatura como espaço simbólico de denúncia e reflexão sobre as condições históricas e culturais que moldam o lugar da mulher em sociedade.

Desse modo, esta pesquisa justifica-se pela relevância de analisar uma obra que ultrapassa a função de entretenimento infantil e se consolida como instrumento

crítico de leitura da realidade social. Ao abordar questões como identidade, poder, gênero e liberdade, *Angélica* (2019), reafirma o papel da literatura infantojuvenil na formação intelectual e subjetiva dos leitores, contribuindo para o desenvolvimento de sujeitos críticos e conscientes. Além disso, investigar a construção da subjetividade feminina em obra destinada ao público jovem permite ampliar os debates sobre gênero e identidade desde os primeiros contatos com a leitura literária.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como a subjetividade feminina é construída na obra *Angélica* (2019), com especial atenção à trajetória da protagonista Angélica. Considerando suas relações sociais, os conflitos internos e externos e os fatores que moldam o universo ficcional da obra. Como objetivos específicos, pretende-se identificar as estratégias narrativas utilizadas por Lygia Bojunga para representar a subjetividade feminina; investigar a evolução da personagem ao longo da narrativa, observando momentos de ruptura, amadurecimento e transformação; e discutir as formas de resistência presentes na trajetória da protagonista frente às imposições sociais.

Para fundamentar a análise, este estudo apoia-se nos pressupostos teóricos de Michel Foucault, especialmente em *Ordem do discurso* (1996), *Microfísica do poder* (1979), *Vontade do saber* referente a um dos capítulos que compõe o livro *História da sexualidade* (1988), no que se refere às relações de poder e a constituição dos sujeitos. Dialoga-se ainda com Simone de Beauvoir, a partir da obra *O Segundo sexo* (1970), que discute a construção histórica da mulher. Ainda dialoga com Judith Butler, especialmente em *Problemas de gênero* (1990), cujo seus estudos contribuem para a compreensão do gênero como construção social. Articula-se também com as reflexões de Michelle Perrot em seu livro *As mulheres ou os silêncios da história* (2005), que discute a invisibilidade feminina na narrativa histórica tradicional ao mesmo tempo que mostra suas lutas e a construção de sua própria história, repleta de vozes e resistência. No campo da literatura infantojuvenil, recorre-se aos estudos de Nelly Coelho, que evidencia as transformações dessa literatura na formação crítica do leitor, e Maria Nikolajeva que em seu livro *Poder, voz e subjetividade na literatura infantil* (2023), contribui para a discussão sobre como a literatura é capaz de atribuir um poder contestatório à infância.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e qualitativa, desenvolvida por meio da leitura e interpretação crítica da obra *Angélica*, em diálogo com os referenciais teóricos selecionados. A análise contempla os aspectos

narrativos, simbólicos e discursivos que colaboram para a constituição da subjetividade da protagonista, observando as relações entre texto literário e o contexto social. Desse modo, interpreta-se o texto literário não apenas como expressão, mas como espaço de produção de sentidos, no qual se inscrevem conflitos ideológicos, discursos normativos e as possibilidades de resistência.

Este trabalho organiza-se em três capítulos articulados entre si. O primeiro, realiza-se uma contextualização da literatura infantojuvenil brasileira, destacando as transformações estéticas e temáticas que possibilitaram o surgimento de narrativas mais críticas e subjetivas, com destaque nas contribuições de Lygia Bojunga nesse campo literário. No segundo capítulo dedica-se a discussão teórica acerca dos conceitos de subjetividade, poder e gênero, que se articulam nos estudos de Michel Foucault, Simone de Beauvoir e Michelle Perrot, Além dos aportes de autores que contribuem com a literatura infantojuvenil, Como Nelly Coelho e Maria Nikolajeva.

Por fim, o terceiro capítulo concentra-se na análise da obra *Angélica* (2019), examinando de que forma a narrativa constrói a subjetividade feminina da protagonista por meio de suas experiências, conflitos e estratégias de resistência frente as imposições sociais e familiares. Espera-se, assim, que esta pesquisa contribua não apenas para o aprofundamento dos estudos sobre a obra de Lygia Bojunga, as também para a ampliação acerca da literatura infantojuvenil como espaço de problematização e expansão das relações de gênero, poder e constituição dos sujeitos, reafirmando seu potencial formativo e crítico.

2 LYGIA BOJUNGA E SEU PAPEL NA RENOVAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

As obras de Lygia Bojunga estão diretamente ligadas à renovação da literatura infantojuvenil, iniciada na década de 1970. Ao acreditar que os livros produzidos para crianças e jovens poderiam retratar temas para além do tradicionalismo pedagógico e dos padrões das normas sociais, Lygia foi uma das pioneiras na reinvenção dessa escrita, buscando evidenciar, em suas narrativas, a subjetividade infantil e juvenil, assim como enfatizar temas de relevância para o desenvolvimento crítico do leitor.

A obra *Angélica* (2019), introduz de forma significativa esse papel inovador que a autora buscou imprimir em suas narrativas, ao apresentar a história de construção da subjetividade feminina por meio da protagonista Angélica. Ao inserir temáticas como identidade, liberdade e poder, presentes não apenas em *Angélica*, mas em grande parte de suas produções literárias, Lygia rompe com o padrão normativo da literatura infantojuvenil, que passa a oferecer aos jovens leitores não apenas entretenimento, mas também ferramentas simbólicas capazes de estimular a reflexão de si mesmos e sobre o mundo em que vivem.

2.1 Contribuições de Lygia Bojunga para a literatura infantojuvenil brasileira

Antes de adentrar minuciosamente a construção da subjetividade feminina na obra *Angélica* (2019), de Lygia Bojunga, é fundamental ressaltar a importância da literatura infantojuvenil brasileira. Lygia Bojunga, juntamente com outras autoras, foi responsável por inserir novas narrativas dentro da literatura destinada ao público infantil e juvenil. Nesse sentido, autoras como Nelly Novaes Coelho, destacam a importância da literatura infantojuvenil ao pontuar:

Eis porque dizemos que a literatura infantil é uma “abertura” para a formação de uma nova mentalidade. Estamos em uma fase de evolução em que o conhecimento do próprio homem, descoberto na profundidade de seu ser, de sua mente e potencialidades, talvez vá ser a atividade mais importante da ciência e da arte (Coelho, 1981, p. 5).

Nelly Coelho antecipa a escrita de autoras como Lygia Bojunga, que desconstrói o padrão normativo das narrativas infantojuvenis e abre espaço para histórias que estimulam o pensamento crítico e social dos seus leitores. Ao assumir essa perspectiva, a literatura destinada a crianças e jovens deixa de ser apenas um instrumento literário para se afirmar como um mecanismo de formação e de evolução do conhecimento do sujeito. Com isso, as contribuições de Lygia Bojunga

desencadeiam reflexões de fundamental importância para o desenvolvimento do seu público, ao retratar questões da sociedade em que estão inseridos. Ao Analisar esses mecanismos da escrita de Lygia Bojunga, a escritora Malheiros (2000) aponta:

Para Lygia o estudo, a busca do saber são libertadores, e justamente por isso sua crítica à instituição escolar é tão ácida. Além das dificuldades materiais e ambientais, há um outro óbice para todas as crianças, o conceito ditatorial de obediência, que atinge todas, sem distinção (Malheiros, 2000, p. 3).

Ao buscar uma nova forma de escrita na literatura infantojuvenil, Lygia Bojunga destaca o papel da escola e do ambiente em que a criança entre em contato com a literatura. No trecho acima, evidencia-se um dos posicionamentos centrais de sua escrita: a crítica à instituição escolar, marcada pela denúncia de práticas que, além das dificuldades materiais e estruturais, impõem um modelo rígido de obediência. Esse “conceito ditatorial de obediência”, como aponta Malheiros, atinge todas as crianças sem distinção, comprometendo o desenvolvimento da autonomia e a formação de uma subjetividade crítica.

Assim, conforme ressalta Eglê Malheiros (2000), embora escrevesse também para o público adulto, Lygia Bojunga valorizava e dava destaque aos protagonistas infantis, por acreditar que as crianças estão em processo de autoconstrução e necessitam de espaços para desenvolver suas autonomias.

Ao integrar o grupo de autoras responsáveis pela renovação literatura infantojuvenil, Bojunga constrói protagonistas que enfatizam questões sociais relevantes, colaborando para que seus leitores desenvolvam, desde de cedo, uma leitura crítica das realidades que os cercam. Nesse sentido, uma das escritoras que mais defende essa nova visão de escrita, juntamente com Lygia Bojunga, Nelly Coelho (1981), que enfatiza:

[...tudo] aquilo que uma sociedade incorpora como código de valores ou desvalores a pautar o comportamento de seus cidadãos, e em relação ao qual cada indivíduo deve se situar para conseguir ou não a sua própria realização, está expresso (ou deve estar) na literatura que os adultos destinam aos mais jovens – para que estes conheçam tal ‘código’ desde cedo e o incorporem (uma vez que ele é a base, é o fundamento que sustenta toda a construção social) (Coelho, 1981, p. 5).

É a partir dos códigos de valores mencionados por Nelly Coelho que Lygia Bojunga direciona sua escrita para crianças e jovens, buscando incorporar em sua literatura temas que abordem os padrões sociais e estimulem o desenvolvimento crítico

e subjetivo. Nesse contexto, o adulto que acompanha a leitura dessas obras, seja em casa ou na escola, precisa estar atento ao que efetivamente contribui para a formação dos jovens leitores. Em síntese, nessa nova proposta de literatura infantojuvenil, as temáticas ao convívio social e às normas que regem a sociedade, são apresentadas de forma lúdica, possibilitando o maior engajamento do público leitor.

Assim, as contribuições de Bojunga mostra ser um marco na forma de compreender a literatura infantojuvenil no Brasil. Lajolo e Zilberman (2007, p. 143) observam: “até a década de 60, a poesia infantil brasileira guardava resquícios parnasianos, quer pelo conservadorismo formal, quer pelo compromisso com a pedagogia”. Evidencia-se como essa literatura era domesticada por padrões morais e social, postergando os processos de subjetividade e de autonomia a um segundo plano. Em Silva (2000), uma literatura inovadora se relaciona a uma quebra de padrão escolarizado de poder viabilizar uma amostra do contexto social em que o leitor está inserido. São estratégias da escrita de Lygia Bojunga, como ressalta:

Os livros de Lygia Bojunga abordam temas que revelam sua preocupação com o homem moderno nos diversos núcleos e dilemas sociais de que participa: as relações familiares, as desigualdades sociais, a discriminação à mulher, ao pobre e à criança (Marlene, 2000, p. 12).

Ao inserir em suas obras questões de grande foco social, Bojunga expressa preocupação em dar voz a sujeitos historicamente silenciados, como as mulheres, crianças e populações marginalizadas. Dessa forma, demonstrar que a literatura infantojuvenil, quando utilizada de maneira crítica, pode desenvolver contribuições significativas para o desenvolvimento cognitivo, intelectual e autônomo do leitor.

2.2 Representação feminina na obra de Lygia Bojunga

Entre os elementos centrais da produção de Lygia Bojunga, destaca-se a representação feminina. Construída com o objetivo de dar visibilidade a experiências marcadas pelo silenciamento e pela opressão. Assim, a obra *Angélica* (2019), compreende o espaço da mulher como lugar de resistência, construção subjetiva e busca por autonomia. Com isso, a narrativa é desenvolvida a partir de uma personificação de uma jovem cegonha em processo de amadurecimento, que pode

ser analisada à luz das reflexões de Scott (2007), quando comenta o papel da mulher no ciclo masculino em que está inserida:

Mas esse é apenas um aspecto. O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino (Scott, 2007, p. 75).

Ao discutir a categoria de gênero e suas implicações sociais, Scott (2007) defende que o termo deve ser analisado considerando tanto o aspecto feminino quanto masculino. Dessa forma, a representação feminina presente na obra é marcada por um estudo da relação da personagem Angélica com membros, pai, avô, irmãos masculinos de sua família: pai, avô e irmãos que, por meio de falas autoritárias, impõem limites desde seu nascimento. Assim, o modelo patriarcal torna-se um fator central da narrativa, perceptível inicialmente na figura paterna, como se observa no trecho a seguir.

Pai: Muito prazer.
 Mãe: muito mesmo
 Pai: Eu sou um chefe de família feliz.
 Mãe: Eu também!
 Pai: o quê?
 Mãe: Te respeito.
 Pai: Ah, pois faz muito bem. Se tem uma coisa que eu adoro é respeito, e se tem outra coisa que detesto é falta de respeito
 (Bojunga, 2019, p. 72).

Esse diálogo revela a naturalização das relações de poder no ambiente doméstico. A fala do pai: "Eu sou um chefe de família feliz", consolida o lugar masculino de autoridade, enquanto a resposta da mãe: "Te respeito", evidencia a internalização dessa hierarquia, configurando o papel feminino associado à obediência e silenciamento.

Ademais, a obra *Angélica* (2019) apresenta um conjunto significativo de representações femininas. Malheiros (2000, p. 3) afirma: "As personagens femininas, em todos os livros, são exemplos ou do resultado de uma educação sexista ou de como é árdua, no entanto plena de satisfação, a luta contra isso". Nesse sentido, Angélica, embora seja representada por uma cegonha, simboliza a personificação do ser feminino e encarna uma postura de resistência diante das estruturas patriarcais.

A personagem assume de forma alegórica a luta feminista ao realizar grandes feitos e questionar as dinâmicas sociais e familiares que a cercam, como as mentiras e as formas de dominação, como observa-se no seguinte excerto:

ANGÉLICA: “Mas, se a gente sabe que é mentira, como é que a gente vive espalhando essa ideia? Como é que a gente tem até bandeira bordada com cegonha carregando bebê?”

LUTERO: “Porque é por causa dessa mentira que a gente vive bem, que a gente ganha presente, que todo mundo nos respeita, que...”

ANGÉLICA: “Mas se a gente sabe que é mentira, a gente não pode passar a mentira pros outros! A gente tem que parar e dizer: é mentira! essa ideia não vale!” (Bojunga, 2019. p, 88).

No trecho citado, é notório o esforço da personagem em compreender os motivos pelos quais sua família sustenta uma vida baseada em mentiras. Ainda que limitada em suas ações, Angélica insiste em questionar práticas que não condizem com os seus valores adquiridos. Saffioti (2015) aponta que a ideologia de gênero é um processo ainda pouco questionado, de modo que, muitas mulheres que interrogam o papel de inferioridade que lhe são atribuídos em uma sociedade estruturalmente machista e patriarcal.

Com isso, ao tentar romper com padrões de submissão e construir um posicionamento subjetivo, A personagem questiona constantemente as imposições familiares, algo perceptível desde seu nascimento, quando já se recusa a obedecer às ordens simbólicas.

Mãe: Diz papai.

Angélica: Mamãe

Mãe: Não: Eu estou dizendo pra dizer papai.

Angélica: Mamãe

(Bojunga, 2019, p. 82).

Dito isso, a representação feminina, por meio da cegonha Angélica, busca levantar questões sobre o papel da mulher enquanto sujeito que constrói sua própria identidade. Ao desafiar verdades e atitudes que reprimem sua autonomia, a personagem simboliza a urgência da valorização da voz feminina, possibilitando a resistência e sua permanência ativa na sociedade. Sobre isso, Butler (2018) defende:

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas

constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada (Butler, 2018, p. 14).

A partir dessa perspectiva, Butler questiona o poder feminino quando a mulher não é vista como um ser autêntico, mas como um sujeito que necessita, obrigatoriamente, seguir um padrão, possuindo uma “identidade definida”. Na obra de Lygia Bojunga, a personagem Angélica problematiza direto a imposição de uma identidade e personalidade fixa, determinadas pela sociedade e seus familiares. Em que tem na mulher de não significar seguir características pré-estabelecidas, mas lutar pela sua própria individualidade.

Logo, Lygia Bojunga insere figuras femininas em suas obras com o intuito de suscitar questionamentos sobre a condição na mulher na sociedade, oferecendo aos seus leitores reflexões críticas sobre o tema. A personagem Angélica é um exemplo do desenvolvimento e da resistência que a mulher pode alcançar quando não se submete a viver as normas estabelecidas.

Ademais, além da obra analisada, outras obras de Lygia, a autora enfatiza de maneira consistente a presença de personagens femininas, cada uma com suas particularidades. No que constitui-se como uma das suas características mais marcantes de sua contribuição para literatura infantojuvenil, aspectos também defendidos por as autoras Alves, Fontana e Cunha (2020) ao afirmarem:

Longe de qualquer suposta simplicidade ou convencionalismo, a literatura voltada ao público infantojuvenil se empenha ativamente em abrir novas fronteiras e desbravar campos inexplorados. Um exemplo disso são as figuras femininas fortes e destemidas, prontas a desalojar antigos padrões de comportamento (Alves; Fontana; Cunha, 2020, p. 9).

Ao destacar que as novas fronteiras da literatura infantojuvenil podem ser representadas por figuras femininas, as autoras reforçam esse ideal que Lygia Bojunga busca consolidar em sua escrita para o público infantil e juvenil, ao deslocar-se dos modelos tradicionais anteriores. Lygia Bojunga evidenciar por meio da personificação de uma cegonha a representação da figura feminina que luta para romper padrões de comportamento impostos, ao mesmo tempo que busca sua subjetivação.

2.3 Estilo e características da narrativa de Lygia Bojunga

Convém ressaltar que Lygia Bojunga é uma escritora que transita a literatura infantojuvenil e adulta, tendo ganhado destaque como escritora de livros infantis e juvenis. Conforme destaca Ando (2011, p. 26) “Lygia Bojunga é, hoje, considerada um dos nomes mais expressivos do movimento renovador da literatura infanto-juvenil brasileira, destacando-se por manter em suas obras acentuada originalidade e alto nível de criação”. Nesse sentido, torna-se fundamental destacar as características e o estilo que a escritora utiliza para realçar cada vez mais essa nova forma de compreender a literatura infantojuvenil. Lajolo e Zilberman (2007) comentam:

Neste sentido, o gênero dirigido à infância está no bojo dos processos que vêm marcando a sociedade contemporânea desde os primeiros sinais da implantação desta, permitindo-lhe indicar a modernidade do meio onde se expande. Tem características peculiares à produção industrial, a começar pelo fato de que todo livro é, de certa maneira, o modelo em miniatura da produção em série. E configura-se desde sua denominação — trata-se de uma literatura para — como criação visando a um mercado específico, cujas características precisa respeitar e mesmo motivar, sob pena de congestionar suas possibilidades de circulação e consumo (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 17).

Para compreender o estilo de escrita de Lygia Bojunga, é necessário entender os motivos pelos quais ela, assim como outros autores, reforçou essa renovação na literatura infantojuvenil. No trecho a cima, as autoras descrevem como esse gênero literário foi historicamente especificado a padrões pedagógicos de escrita, privilegiando temáticas que suprissem apenas uma formação moral e ao consumo.

Em contrapartida, ao adotar essa nova forma de escrever literatura infantil, Lygia desenvolve uma narrativa acessível e inovadora, capaz de dialogar com um público no seu processo de descobertas e autoconhecimento, despertando maior interesse dos leitores para esse gênero, Ando (2011) afirma que, Lygia Bojunga é uma autora reconhecida nesse gênero e de grande respaldo para a literatura infantojuvenil brasileira. Ando (2011, p. 212) ainda aponta: “afinal, uma das características que se sobressai na ficção lygiana é justamente o processo formativo do indivíduo, em sua iniciação tanto para a vida adulta, como para a velhice”. Cabe enfatizar que esse estilo lygiano um dos responsáveis por ampliar os horizontes desse gênero no Brasil.

Dessa forma, é possível afirmar que a narrativa de Lygia Bojunga Nunes não se limita apenas ao entretenimento, mas atua diretamente no processo de formação do seu leitor, suas escolhas estilísticas evidenciam as experiências sociais nas quais crianças e jovens estão inseridos, conforme observa Malheiros (2000):

Em Lygia Bojunga Nunes a ficção recupera toda sua riqueza etimológica, palavra derivada que é do latim *fingere* : dá forma, modela um mundo, que é aquele que conhecemos e, ao mesmo tempo, o que poderá vir a ser, e para esse vir a ser ela imagina, fantasia; através do modelo e da imaginação ela educa (no sentido mais pleno, contribui para revelar as forças transformadoras que existem dentro de cada um), cultivando o espírito crítico e a ação organizada, fertilizando o sonho e a fantasia libertadora (Malheiros, 2000, p. 3).

O trecho acima salienta que Lygia Bojunga desenvolve uma ficção que ajuda no processo de criação e de formação reflexiva e crítica dos seus leitores. Além disso, sua literatura insere-se no campo educacional como uma ferramenta capaz não somente educar, mas também de fomentar o pensamento emancipatório das crianças e jovens. Nesse sentido, Malheiros (200) afirma:

Lygia Bojunga Nunes é uma escritora que fala para todas as idades, mas procura estabelecer diálogo antes de tudo com crianças e jovens. Suas histórias, fundamente enraizadas na realidade, lançam mão da fantasia tanto para criar o estranhamento, que permite a visão de situações de outro modo por demais dolorosas, como para projetar a superação dos conflitos (Malheiros, 2000, p. 2).

Vale ressaltar que, embora Lygia Bojunga também escreva para o público adulto, foi na literatura infantojuvenil que encontrou maiores espaço para discorrer temáticas essenciais e socialmente relevantes. Com isso, por meio de linguagem lúdica e fantasiosa, a autora aborda questões como a violência, a perda, a repressão e a desvalorização da mulher. Assim, reflexões sobre gênero se tornaram-se mais recorrentes, como ocorre na obra *Angélica* (2019), cuja principal temática é a luta por uma construção de uma subjetividade feminina e autônoma. Desse modo, o que se refere ao aspecto narrativo, destaca-se a seguinte reflexão:

Eis um estado muito sutil, quase insustentável, do discurso: a narratividade é desconstruída e a história permanece, no entanto, legível: nunca as duas margens da fenda foram mais nítidas e mais tênues, nunca o prazer foi melhor oferecido ao leitor – pelo menos se ele gosta das rupturas vigiadas, dos conformismos falsificados e das destruições indiretas. Ademais o êxito pode ser aqui reportado a um autor, junta-se lhe o prazer do desempenho: a proeza é manter a mimesis da linguagem (a linguagem imitando-se a si própria), fonte de grandes prazeres, de uma maneira tão radicalmente ambígua (ambígua até a raiz) que o texto não tombe jamais sob a boa consciência (e a má fé) da paródia (do riso castrador, do “cômico que faz rir”) (Barthes, 1987, p.14).

A perspectiva narrativa feita por Barthes, quando relacionada à escrita de Lygia Bojunga, descreve um rompimento com discursos rígidos e padronizados. Em que

rompe com linearidade tradicional, sem comprometer a legitimidade de seus textos. Como afirma o próprio Barthes (1987, p. 26) “o prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias ideias – pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu.” Logo, o espaço literário destinado as criações de Bojunga, tornam-se um ambiente que articula o real e o imaginário, convidando o leitor a vivenciar todas as experiências propostas em suas narrativas.

De modo semelhante, os textos da autora entrelaçam concepções do que ela acredita e se propõe a externalizar para seu público, partindo da premissa de que crianças e jovens necessitam explorar seus próprios ideais de vida. Ao fazer isso, suas obras não deixam de pertencer à literatura infantojuvenil, pois sua proposta é inserir as temáticas de forma acessível e sensível. No que, Malheiros (2000) ressalta:

O conhecimento da verdade, a dureza da realidade não impede o avanço, nem impedem o sonho. O que esteriliza é a mentira, a hipocrisia, o preconceito. A luta da cegonha, no livro *Angélica*, é a luta pela verdade, pois na mentira e nos privilégios dela decorrentes não havia possibilidade de um crescimento real (Malheiros, 2000, p. 3).

Diante disso, observa-se que Lygia Bojunga teve um estilo de escrita comprometida com a denúncia e problematização de questões sociais, com apoio ao seu público a refletir e desenvolver uma opinião autônoma. Sua literatura ultrapassar os limites da porcentagem apenas didática, contribuindo efetivamente para o avanço intelectual e subjetivo seu público. Em *Angélica* (2019), a luta da cegonha retrata claramente uma de seus aspectos centrais da escrita da autora: a busca pela verdade, como aponta Malheiros (2000) sobre a obra. A luta de Angélica era por uma construção pessoal e autônoma e viver em um ambiente que retrocedia essa busca e lhe colocava a margem de uma vida de mentiras, tornava essa jornada quase que impossível. Tal conflito pode ser observado no seguinte trecho:

ANGÉLICA: Mas, se a gente sabe que é mentira, como é que a gente vive espalhando essa ideia? Como é que a gente tem até bandeira bordada com cegonha carregando bebê?

LUTERO: Porque é por causa dessa mentira que a gente vive bem, que a gente ganha presente, que todo mundo nos respeita, que...

ANGÉLICA: Mas se a gente sabe que é mentira, a gente não pode passar a mentira para os outros! A gente tem que parar e dizer: é mentira! essa ideia não vale! (Bojunga, 2019, p. 88).

Convém destacar na obra, que *Angélica*, para a autora reúne características cruciais de sua escrita, com vista um novo horizonte da literatura infantil. Nesse fragmento, evidencia-se que essa personagem passa indagar sobre o que ela acreditava e como gostaria de conduzir sua vida, mesmo em um ambiente que reprimia suas vontades. A partir do momento em que começou a entender sobre as mentiras que a cercavam, a personagem buscou viver em o mundo pautado pela verdade, como defende a autora. Em Malheiros (2000, p. 3) “para Lygia o estudo, a busca do saber são libertadores.” Ao enfatizar processos de autonomia, busca pela verdade e desenvolvimento da subjetividade, Lygia ultrapassa os limites de sua narrativa, e amplia reflexões para o campo social. Postura rompida nas criações tradicionais da literatura infantojuvenil. Lajolo (2011):

Possível considerar, por exemplo, que a literatura infantil mais antiga era conservadora, porque inculcava comportamentos e atitudes de passividade nas crianças, preconizava obediência aos pais e submissão aos mestres. Mas a partir de tais considerações sugerir que tal literatura seja pernicioso porque a criança não é, por natureza, nem passiva, nem obediente, nem submissa, é erro grave, pois supõe que as crianças sejam por natureza alguma coisa (Lajolo, 2011, p. 20).

Nessa perspectiva, o rompimento feito por Lygia Bojunga com a literatura infantojuvenil tradicional, ocorre por causa da sua escrita ao conflitar com discursos conservadores que comumente é visto nos livros infantis, tentando influenciar uma padronização de comportamento de crianças e jovens. Em Bojunga, ao criar a personagem Angélica tinha por objetivo diferente de seguir os valores sociais impostos pela sua família e sociedade, senão em resistir e construir sua própria identidade.

3 A SUBJETIVIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Segundo o ¹*dicio* (2025) “subjetividade, é a qualidade do que expressa pontos de vista e julgamentos de valor da própria pessoa, seus sentimentos e preferências”. Contudo, busca-se analisar o processo subjetivo no contexto social, considerando os mecanismos que atuam na definição dessa formação. Assim, essa perspectiva rompe com o clássico conceito do “eu” como o ser autônomo e determinante de suas

¹ Dicio- *Dicionário online de português*

escolhas. A priori, será destacado os meios pelos quais o indivíduo desenvolve sua subjetividade no campo social. Segundo Foucault (1979):

Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder – o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder – mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento (Foucault, 1979, p. 11).

Essa concepção Foucaultiana é fundamental para compreender o funcionamento do processo de constituição da subjetividade social, uma vez que esse processo se desenvolve a partir dos regimes que moldam o sujeito e seus modos de agir e de pensar. Nesse sentido, este capítulo propõe-se a discorrer sobre a construção histórica do indivíduo por meios das relações de poder e dos discursos. Hall (1990) complementa que, o sujeito não possui um comportamento estável, mas vive em constante processo de descoberta na sociedade contemporânea, influenciado pelos contextos sociais que o constituem.

Ademais, seguindo a linha de pesquisa que compreende o sujeito como detentor de uma subjetividade relacional, ligadas às suas estruturas sociais, como o poder, o discurso, e as normas de comportamento. Foucault (2008, p. 37) aponta que: “Assim, a questão é saber se a unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam, e não pela permanência e singularidade de um objeto”.

Seguindo essa análise, é possível relacionar que tanto o discurso quanto o sujeito não possuem um padrão fixo e imutável; ambos são desenvolvidos pelos valores históricos e sociais que influenciam e moldam o modo de ser e de pensar. Foucault evidencia que o discurso é um campo em movimento, onde os saberes do sujeito são produzidos e transformados. Isso conecta à ideia de que a subjetividade é uma construção social e que o “eu” do sujeito se forma a partir das relações de poder, saber e dos discursos que o cruzam.

3.1 Perspectiva Foucaultiana

Michel Foucault é considerado um dos maiores pensadores do século XX e, ao desenvolver seus pensamentos teóricos, aborda de forma precisa o processo de constituição da subjetividade em relação a aspectos como o poder, o saber e o corpo,

moldados pelo discurso. Para o autor, o sujeito não é uma essência pré-definida, mas um efeito das relações de poder que o definem historicamente. Foucault (1996) destaca:

Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico (Foucault, 1996, p. 6).

Ademais, essa reflexão demonstra o poder do discurso em relação ao sujeito e o medo de confrontá-lo. Com isso, a visão proposta pelo historiador e filósofo, aponta para uma subjetividade controlada por um padrão social limitado e imposto por instituições que moldam e influenciam as ações do indivíduo. Foucault (1970) aponta que, o discurso é algo que está alinhado a uma pressão social e que a verdade do sujeito é determinada pelo que as instituições controlam e definem.

Essa perspectiva, é essencial para entender a trajetória da protagonista Angélica, de Lygia Bojunga. A personagem vivencia, desde muito cedo, um processo de normatização que define e impõe o que ela pode ou não dizer, como deve agir e pensar. Isso é possível observar no trecho de um diálogo entre ela e seus pais, no qual se revela um conflito entre a verdade defendida pela protagonista e as regras impostas pela sua família.

ANGÉLICA: Mas, papai, se eu continuar fingindo uma coisa que eu não sou, eu vou ser tão infeliz.
 PAI: Bobagem.
 ANGÉLICA: Mas, mamãe, eu não aguento dizer que eu vou dar um jeito (que eu não sei que jeito é) pra todo mundo que me pede um bebê.
 MÃE: Se você espalhar a verdade, você vai fazer de mim a mãe mais infeliz do mundo (Bojunga, 2019, p. 94).

É notório que, no trecho acima, as referências aos pais de Angélica podem ser utilizadas para analisar como a família e outras instituições estão diretamente ligadas ao processo de desenvolvimento da verdade do indivíduo. No entanto, a fala de Angélica está relacionada às exigências familiares que submetem seu modo de agir, pois é por meio desses mecanismos de poder das instituições que a personagem atravessa sua subjetivação.

As perspectivas foucaultianas abrangem diversas áreas do discurso e da construção social do sujeito, Foucault (1988) também investiga como a sexualidade é um dos principais dispositivos modernos que produz o indivíduo.

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranho por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeita-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população (Foucault, 1988, p. 98).

Nesse trecho, torna-se mais evidente o que Michel Foucault defende sobre o poder do discurso e, como citado acima, sobre o mecanismo da sexualidade, que se internaliza por meio das instituições, como a família, a escola e a igreja. Esses mecanismos são responsáveis pelo processo de construção da subjetividade do sujeito. Foucault (1988) descreve a sexualidade como um dispositivo de controle que transforma o corpo, os quais detalham o processo de subjetivação e revelam o caráter histórico e social do indivíduo. Ampliando suas reflexões sobre as instituições e os mecanismos que moldam esse sujeito, Foucault (1996) ainda aponta:

Enfim, em escala muito mais ampla, é preciso reconhecer grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos. Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua discussão, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais (Foucault, 1996, p. 43).

Ao tratar das instituições responsáveis por influenciar essa projeção subjetiva, Michel Foucault sistematiza seus pensamentos sobre o assunto por meio de processos históricos e sociais que moldam a personalidade do indivíduo ao longo do tempo. Ao citar a educação em sua fala, algo que, embora seja um direito de todos, o filósofo evidencia uma forma de ambiguidade, pois reconhece que, ao mesmo tempo em que a educação se interliga a partir de princípios normativos, democráticos e universais, ela também opera dentro das relações de poder e discurso, influenciando quem pode falar e de que forma falar. Assim, a escola torna-se uma das principais responsáveis pela constituição subjetiva do indivíduo.

Diante disso, compreende-se que a obra *Angélica*, de Lygia Bojunga dialoga com pensamentos de Michel Foucault, revelando a influência dos mecanismos de poder com a constituição subjetiva. Foucault (1979) analisa que:

O grande fantasma é a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades. Ora, não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos (Foucault, 1979, p. 83).

Assim, essa “materialidade do poder” exercida sobre o corpo e o discurso evidencia o sujeito – longe de sua autonomia – é o produto de suas relações discursivas. Com isso, as perspectivas de Michel Foucault sobre a construção subjetiva estão relacionadas ao poder e as influências das instituições possuem sobre os indivíduos. A inquietação do filósofo diante dos discursos, caracteriza sua preocupação como a formação do sujeito e demonstra que apesar de parecer algo comum, o discurso ao qual ele defende carrega sua força de dominação, suas lutas históricas e sociais relacionadas ao indivíduo. Ainda afirma que:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1996, pp. 8-9).

Considerando que, o discurso não é algo abstrato, mas uma ferramenta que se materializa e contribui para a formação do sujeito. Esse trecho evidencia como a sociedade moderna colabora no controle dos discursos. Cândido (2006), em *literatura e sociedade*, acredita que as formações discursivas se estabelecem a partir das influências socioculturais que norteiam a vida do indivíduo, tendo como principal recurso a literatura, capaz de contribuir na construção dos saberes, das ideologias que transformam as práticas discursivas. Semelhantemente, as perspectivas Foucaultianas sobre a construção subjetiva, que entendem essa construção como produto das relações de poder. Assim, no campo literário, é possível analisar que as obras não desenvolvem apenas a narrativa sobre o sujeito, mas também participam da construção dos seus discursos e de suas influências socioculturais e que sejam de relevância para sociedade.

Dessa forma, na obra *Angélica*, a personagem é colocada como uma figura que está sendo moldada por diversos discursos, com o intuito de impor como ela deve pensar ou agir, ao mesmo tempo que procura desprender-se desses discursos e construir sua própria identidade. Assim, pode-se pensar nas contribuições de Foucault tanto para análise dos discursos de poder em relação a obra *Angélica* (2019), como

também para o processo de subjetivação dos próprios leitores de Lygia Bojunga, com sua nova escrita para a literatura infantojuvenil.

3.2 Construção social do ser feminino: patriarcado e subjetivação

No âmbito da construção subjetiva e identitária, é relevante ressaltar que os meios sociais exercem um papel fundamental nesse processo. Assim, a sociedade é atravessada por dinâmicas globais que influenciam diretamente a formação do sujeito. Conforme afirma Rolnik (1996):

A globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos de toda espécie, situados em qualquer ponto do planeta, numa variabilidade e numa densificação cada vez maiores. As subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos desta profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos (Rolnik, 1996, p. 1).

A partir dessa perspectiva, é possível observar que a globalização tem um papel determinante na constituição da subjetividade, pois o indivíduo se vê imerso em um fluxo contínuo de discursos, práticas culturais e imagens que moldam seus modos de agir. Dessa forma, o sujeito é atravessado por essas forças sociais, que repercutem na construção de suas identidades.

Dessa forma, coloca-se em destaque a influência sobre o ser feminino que a todo tempo tem a constituição de sua subjetividade relacionada às estruturas de poder. Além disso, quando se evidencia o processo social relacionado a subjetivação feminina, Simone Beauvoir (1970, p. 9) afirma que: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, salientando que é a partir de um processo social, de influências muitas das vezes patriarcal que o ser feminino se constitui até os dias atuais.

Lygia Bojunga como uma das escritoras que adotou a nova forma de escrever literatura infantojuvenil, procurou retratar em suas narrativas assuntos relevantes para seu público leitor de forma leve e acessível. Assim, na obra *Angélica* (2019), a autora recorre à figura de personificação, definido como um recurso “usado quando se humaniza (personifica) inanimados ou animais não pertencentes à espécie humana, atribuindo-lhes características e ações tipicamente humanas” (Brasil escola, 2025). Com isso, Bojunga personifica personagens animais para atribuí-lhes características

humanas, destacando assim, a personagem principal, Angélica, uma cegonha que vivencia uma trajetória marcada por imposições e ações atribuídas ao ser feminino.

Um dos mecanismos que Lygia Bojunga deixa evidente no processo de construção da subjetividade de Angélica são as falas realizadas pelas figuras personificadas masculinas que atribuem um discurso de poder, que tenta a todo tempo coagir e impor ações a personagem. Como pode-se perceber no seguinte trecho:

LUTERO: Uuuuuuuuuuu! Tá na hora de formar o trem.

LUME: Sabe, Angélica? Se você entrar no nosso trem, você acaba pensando do jeito que a gente pensa.

ANGÉLICA: Mas eu não quero pensar do jeito que vocês pensam: eu acho que tá errado.

LUX: Vem, Angélica. Você fica sendo o vagão número nove e engata aqui atrás de mim. Vai ser legal. Vem

OS OUTROS: Vem, Angélica!

ANGÉLICA: Não!

(Bojunga, 2019, p. 96).

No excerto da obra em destaque, é perceptível a predominância do papel masculino na imposição do modo de pensar e agir da personagem; o patriarcado torna-se visível no convívio de Angélica com os homens de sua família - pai, avô e irmãos. A todo momento, ela é questionada a se posicionar de acordo com os pensamentos predominantes de sua família e sociedade. Beauvoir (1970, p. 10), acrescenta: “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. Com isso, Beauvoir (1980), destaca em diversos momentos de sua obra “*O segundo sexo*”, que a mulher é constituída como um ser submisso ao homem, que sua subjetividade está entrelaçada ao que o homem deseja que ela seja.

Dessa forma, o processo de constituição subjetiva do ser feminino há muito tempo está atrelado a imposições masculinas, naturalizadas ao longo da história. Trata-se de um domínio consolidado pelo homem que define o lugar da mulher em sociedade. Bourdieu (2016, p. 10) afirma que: “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”.

Assim, as relações de poder exercidas pelos homens sobre as mulheres são acontecimentos que ganham força na sociedade, por ser uma figura sempre vista como subalterna, a mulher tem sua verdade frequentemente negada, o que dificulta

sua autonomia diante das regras que lhe são impostas. Sobre o processo da luta pelo desprendimento patriarcal, Saffioti (2015):

Efetivamente, quanto mais avançar a teoria feminista, maiores serão as probabilidades de que suas formuladoras se libertem das categorias patriarcais de pensamento. Ou melhor, quanto mais as(os) feministas se distanciarem do esquema patriarcal de pensamento, melhores serão suas teorias. Colocar o nome da dominação masculina – *patriarcado* – na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna *natural* essa dominação-exploração (Saffioti, 2015, pp. 58-59).

A discussão proposta pela autora salienta a necessidade de nomear o patriarcado, sem suavizar seus impactos na sociedade, principalmente ao ser relacionado ao processo de construção subjetiva da mulher, pois apresenta-se como algo “natural” ou “inevitável”.

Essa proposta se relaciona diretamente com a personagem Angélica, que tem sua formação interligada com o patriarcado e que é colocado em evidência desde cedo ao impor como a jovem cegonha deveria agir e se comportar perante sua família. Ao tratar-se das influências na construção da subjetividade feminina Saffioti (1996, p. 14) contesta que: “a família seria, pois, segundo tal postura, aquela esfera da vida social, dentre as que mais afetam a condição feminina”.

Dessa forma, é evidente na obra *Angélica* (2019) essa dominância do papel da família em relação aos seus comportamentos, tornando ela um ser dominado pelo patriarcado que afeta sua condição de ser feminino. Entretanto, Angélica não abandona sua busca por esse desprendimento de submissão, ela parte em direção ao autoconhecimento e independência. Sobre esse processo de construção social da autonomia feminina. Saffioti (1996) oferece uma reflexão, ao pontuar:

Se a mulher é duplamente determinada, a consciência do homem é duplamente contraditória. Na medida em que justifica e auxilia a promover a expulsão da mulher da estrutura de classes em virtude de seu sexo, reforça sua própria determinação enquanto membro de uma totalidade parcial oposta a outra e oculta essa determinação de si próprio na manutenção de estruturas parciais nas quais reina como soberano (família, por instância) (Saffioti, 1996, p. 22).

Saffioti, relata de forma reflexiva as condições vividas por Angélica, ao apontar a duplicidade de repressões a que o ser feminino é submetido, processo vivido por Angélica ao longo da narrativa. Tratando-se de uma repressão tanto social como familiar, colaborando para o fortalecimento da sua busca por romper o patriarcal que

tenta defini-la, e assim, conseguir reinventar as possibilidades de construir sua subjetividade. Ao relacionar essa constante luta pela ruptura das normas sociais que impedem a construção subjetiva da mulher, Beauvoir (1970) relaciona essa opressão ao citar:

Já que a opressão da mulher tem sua causa na vontade de perpetuar a família e manter intato o patrimônio, ela se liberta também dessa dependência absoluta na medida em que escapa da família. Se a sociedade, negando a propriedade privada, recusa a família, a sorte da mulher melhora consideravelmente (Beauvoir, 1970, p. 109).

Dessa maneira, o trecho de Beauvoir estabelece uma relação com a obra *Angélica* (2019, p. 17), quando a personagem tem sua família como principal opressora de suas vontades e pensamentos. Ao afirmar que “se a sociedade, negando a propriedade privada, recusa a família, a sorte da mulher melhora consideravelmente”. Assim, Beauvoir indica que a mulher para ter sua liberdade depende do enfraquecimento das estruturas de submissão das autoridades familiares. Com isso, para que Angélica não voltasse a ser “um ovo” sua família, com a representação patriarcal de seu pai, diante de sua recusa em sustentar as mentiras sobre as cegonhas, vê-se obrigado a abrir mão de sua “propriedade privada”, no caso abrir mão da autoridade sobre Angélica e deixar que partisse em busca de viver uma vida em liberdade e autonomia, como observa-se no seguinte trecho:

Pai: Escuta Angélica, se você quer viajar, se você quer experimentar viver num lugar que não tem cegonha... você pode viu?
 MÃE: Claro, minha filha, o importante é você ser feliz.
 IRMÃOS: Muito bem. Bis! Bis! Bis!
 MÃE: Claro, minha filha, o importante é você ser feliz.
 ANGÉLICA: Ah, que bom! Então eu vou
 (Bojunga, 2019, p. 107).

Conforme o pensamento acima, consolida-se assim, o início de uma construção social e subjetiva do ser feminino, possibilitada pelo desprendimento do patriarcado. Com isso, Angélica parte em direção de construir sua própria identidade e vivendo sobre aquilo que acreditava.

3.3 Olhar feminista sobre a subjetividade

Discorrer sobre o olhar feminista sobre a subjetividade implica em refletir como as mulheres são historicamente colocadas como sujeitos subordinados. Perrot (1998, p. 9), evidencia que: “O silêncio é o comum das mulheres e convém à sua posição secundária e subordinada”. Michelle Perrot (2005) em sua obra “*As mulheres ou os silêncios da história*”, busca descrever as múltiplas formas de silenciamento vivido pelas mulheres em diversos âmbitos sociais e, ao mesmo tempo, procura revelar suas lutas por reconhecimento, espaço e autonomia.

Dessa maneira, pensar sobre subjetividade é analisar todo o processo pelo qual as mulheres tiveram que passar, ao longo do tempo, para desenvolver mecanismos de poder e discurso que moldaram suas possibilidades de atuação e expressão. Trata-se, de construir estratégias e ressignificar suas posições para afirmar-se como sujeitos independentes na sociedade.

É o olha que faz a HISTÓRIA. No coração de qualquer relato histórico, há a vontade de saber. No que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente. Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades (Perrot, 2005, p. 14).

Assim, Perrot destaca que é preciso que as mulheres sejam “levadas a sério” para que consigam construir um processo de autoconhecimento perante uma sociedade machista e patriarcal, que tenta barrar seus sentimentos, pensamentos e ações. Sobre isso, segundo Perrot (2005), o feminismo se destaca como uma forma de reivindicar e investigar os direitos das mulheres, que por muito tempo estiveram sob um olhar interrogativo, com suas ações sempre silenciadas e reprimidas pela sociedade. Na obra *Angélica*, a personagem após se desprender de sua família, sai em busca de construir sua vida e sua própria identidade, mas mesmo saindo do ambiente patriarcal que vivia, ainda vivencia atitudes de submissão vinda dos personagens que representam o sexo masculino, como é possível observar nesse trecho:

Angélica saiu do restaurante feliz da vida:
 - Sobrancelhudo cororoca! Pensou que nós não tínhamos dinheiro para pagar, mas nós tínhamos. Bem feito, bem feito, bem feito! – E ria
 Mas porto estrava trombudo. Lá pelas tantas desabafou:
 - Puxa que vergonha.
 - O quê?
 - Você pagou a conta pra mim.
 - Ué: você pagasse pra mim eu não ia achar vergonha nenhuma.

Ah, mas é diferente.
 - Não sei por quê.
 - Porque é, ué.
 Porque é o homem que tem que sempre que pagar: é por isso.
 - Ih, Porto, essa ideia é tão antiquinha!!
 (Bojunga, 2019, p. 55).

Esse diálogo evidencia o quanto a figura masculina, no caso representado nesse trecho pelo personagem Porto, revela a persistência de uma lógica de gênero que posiciona a figura feminina personificada em Angélica em situação de dependência econômica, e o homem sendo a figura provedora. Angélica recusa essa norma submissa da figura masculina, ao afirmar que “essa ideia é tão antiquinha”, deixa explícito que sua busca está em fugir do padrão moralista e patriarcal que ela vivenciou durante toda sua vida e abre espaço para uma construção do seu próprio eu, diante das constantes barreiras colocadas pela estrutura social.

Assim, Saffioti (1976, p. 19) destaca que: “a mulher faz, portanto, a figura do elemento obstrutor do desenvolvimento social, quando, na verdade, é a sociedade que coloca obstáculos à realização plena da mulher”. Dessa forma, Saffioti coloca em evidência uma crítica social ao desenvolvimento da subjetividade feminina, mostrando como a sociedade tenta responsabilizar a mulher pelas limitações que sofrem.

Ao discutir sobre a visão feminina sobre a subjetividade, é essencial destacar que não emerge apenas sobre experiências individuais do ser feminino, mas de um campo que abrange práticas discursivas e relações de poder que moldam como as mulheres podem existir como sujeito dentro da sociedade. Butler (2018, p. 16) discorre que: “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação”.

Nesse sentido, Butler afirma que o sujeito “mulheres” só ganha visibilidade em relação às normas que a constituem, normas essas que são relacionadas ao poder, o discurso a sexualidade e todas as práticas que afirmar uma subjetividade criada a partir de discursos sociais. Como analisa Foucault (1998):

Mais do que essa incidência econômica, o que me parece essencial é a existência, em nossa época, de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de uma certa felicidade, que estão ligados entre si (Foucault, 1998, p. 13).

Pelas perspectivas de Michel Foucault, os termos como sexualidade, poder e todas as ações do nível de desenvolvimento na sociedade por meio dos discursos, desenvolvem um ponto de verdade sobre todos os elementos que vinculam sobre a mulher. Dessa forma, a subjetividade não é desenvolvida de forma individual, mas moldada pelos discursos que a constituem.

Desse modo, assim como Michel Foucault, Beauvoir (1998) argumenta que as mulheres não desenvolvem sua autenticidade de forma natural ou biológica, mas pelas formações dos discursos que a cercam. Beauvoir (1998, p. 58) ainda acrescenta: “a mulher é uma fêmea na medida em que se sente fêmea” ou seja, a mulher é colocada como um ser que busca pela sua subjetividade e que os padrões da sua autonomia são de acordo com o que ela, enquanto mulher, acredita que desenvolva sua personalidade.

Sobre essas perspectivas que o olhar feminista destaca a formação da mulher segundo a teoria dos discursos, uma subjetividade construída discussivamente. Aplicando dessa forma, a ligação que se encontra na obra, quando a personagem Angélica procura por meio de seu discurso o desejo de convencer sua família que precisa sair a procura de sua própria identidade. Trata-se de um gesto do qual a personagem é colocada aos poucos, evidenciando sua luta pela subjetivação, a partir do momento que se desprende e sai em destino ao Brasil:

PAI: mudar do muito trabalho.

MÃE: E precisa tanta coragem!

ANGÉLICA: Sei... Bom, muito obrigada pelo botão.

Adorei. Eu adoro vocês todos, vou sentir um bocado de saudades. Quando chegar de férias eu venho aqui. Tchau.

MÃE: pronto: bateu asas e voou

(Bojunga, 2019, p. 110).

Logo, quando a mãe de Angélica declara “bateu asas e voou” não expressa apenas uma despedida, mas uma metáfora literária do início da jornada da personagem, saindo de um corpo moldado constantemente pelas normas patriarcais para um sujeito que sai em busca de exercer suas práticas de liberdade.

4 A VOZ FEMININA COMO RESISTÊNCIA EM ANGÉLICA DE LYGIA BOJUNGA

A obra *Angélica* (2019), de Lygia Bojunga, narra de forma acentuada a história de uma cegonha que, recusa-se a desempenhar o papel que lhe foi imposto: entregar bebês. Ao longo da narrativa, Angélica passa a questionar sua função como cegonha e também a da sua família, entrando em conflito com as expectativas que lhe foram atribuídas. A narrativa acompanha, assim, o processo de ruptura simbólica que a personagem desempenha ao escolher trilhar seu próprio caminho, construindo sua própria identidade, marcada pela resistência e pela recusa de um papel social que não escolheu para si. Lygia Bojunga utiliza da personificação de animais para produzir a obra *Angélica* (2019), interessada em retratar questões relevantes de uma forma fantasiosa e imaginativa para seu público infantil. Com ilustrações coloridas e uma linguagem acessível, sua obra ganha destaque entre as produções desse gênero.

Ao analisar a voz feminina personificada em Angélica como um recurso de resistência, é possível observar os mecanismos utilizados pela personagem principal para enfrentar as normas e regras que procuraram silenciá-la. Ao expressar suas vontades e desejos, enquanto sujeito, Angélica, a personagem personificada por Lygia Bojunga, desenvolve seu processo de busca por poder e autonomia que eram negados pelo sistema patriarcal da sua família. Nesse sentido, Lorde (2015) acredita que “A transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de auto-revelação, e isso sempre parece estar cheio de perigos

Assim, quando Angélica é colocada em uma posição de submissão e opressão familiar e social, o desenvolvimento dos seus próprios pensamentos de forma crítica permite que ela transforme sua fala em um mecanismo de reivindicação de sua verdade e de busca do seu próprio “eu”. Ainda que o objetivo aqui seja descrever como a personificação da voz feminina em Angélica ganha resistência, é importante olhar para as reflexões de Maria Nikolajeva (2023) que discorre sobre a complexidade desse processo, ao afirmar que:

Apesar de os escritores adultos poderem tentar se libertar de sua experiência, “dar uma voz” á criança protagonista, falar em nome da “criança”, ouvimos em grande parte a voz e os valores do adulto vazando pelo deliberado ponto de vista dos jovens protagonistas. Isso significa que, no evidente medo do futuro que existe na ficção contemporânea para crianças e jovens, vemos o reflexo dos medos dos próprios adultos e seu próprio sentimento de culpa (Nikolajeva, 2023, p. 213).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que nas obras de literatura infantil os protagonistas na sua grande maioria têm seus discursos tensionados pela presença adulta. No entanto, em *Angélica* (2019) esse processo se converte em ação para o desenvolvimento da resistência da personagem que, por meio de sua voz, procura afirmar quem deseja ser. Isso é perceptível já nos primeiros capítulos da obra quando ela mesma denomina seu próprio nome, ao dizer: “eu quero Angélica” (Bojunga, 2019, p. 83), evidenciando uma personagem em busca de autonomia e identidade.

Portanto, quando se destaca a voz da personagem como objeto de resistência, é possível discutir que as falas da personagem se relacionam aos discursos que sempre a moldaram. Assim, segundo as perspectivas de Foucault (1998), existe uma política da língua e da fala sobre o discurso ser algo que vai além da moral, mas que estão relacionadas aos discursos de poder inseridos na sociedade e que mostram que

o silêncio é político. Dessa forma, Bojunga mostra como usa a personificação da figura feminina para quebrar esse padrão histórico que o sexo feminino sempre foi submetido, de não poder ter voz, espaço e lugar de fala.

4.1 A escrita e a fala como construção de identidade

Na obra em análise, a escrita e a fala tornam-se práticas centrais da subjetivação, evidenciando como a personagem negocia e questiona sua própria identidade. Conforme afirma Hall (2006, p. 12), “a identidade preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”. Assim, a fala e a escrita em *Angélica* expressam tanto o interior subjetivo da personagem quanto o exterior representado pelas normas familiares e sociais.

Além disso, Hall (2006, p. 12) analisa que, “o próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”. Dessa forma, Bojunga retrata uma identidade flexível, instável e que se aproxima dos aspectos pós-modernidade, na medida em que sua escrita propõe um novo olhar para literatura infantil.

Ao aprofundar a análise da escrita como instrumento fundamental na constituição do sujeito, observa-se que Angélica anuncia sua verdade e suas imposições ao longo da narrativa, demonstrando de que forma o discurso atua como mecanismo de produção da sua subjetividade, pois, a partir do momento que começa a negar as demandas de sua família, constrói uma imagem de resistência e busca por autoconhecimento, como observa-se no seguinte fragmento:

OUTROS: Vem, Angélica!
 ANGÉLICA: Não!
 LUTERO: Uuuuuuuuuuuuu! O trem já vai sair, Angélica.
 ANGÉLICA: Eu não sei viver fingindo: não vou
 (Bojunga, 2019, p. 96).

No excerto, é possível constatar a insistência imposta pelos irmãos da personagem para que ela adotasse a mesma ocultação da verdade sobre os bebês, assim como ele e toda sua família. Entretanto, Angélica, personificação de uma figura feminina em construção da sua subjetividade, introduz na sua fala o gesto de negação, desde que, decidiu que não queria viver uma vida de mentiras

Conforme argumenta Foucault (2008), o sujeito não está necessariamente na estrutura da frase, mas constitui-se na posição que assume no discurso. Assim, quando Angélica impõe o seu “não” assume uma posição de sujeito, discurso esse, que até então era inédito para ela, constituindo uma fala que resiste e vai contra as normas vigentes do seu meio social. Ao mesmo tempo que a fala atua como meio pelo qual o sujeito pode ser reconhecido, a escrita de Bojunga busca alcançar as marcas e experiências esquecidas por outros autores e constrói uma nova identidade para a literatura infantojuvenil.

A escrita, em *Angélica* vai além do contexto da subjetivação narrativa da personagem, mas se revela uma obra que ganha repercussão pela fala e escrita da própria autora. Pois ao falar da obra como mecanismo de construção subjetiva por meio da fala e da escrita, é imprescindível que seja evidenciado o poder subjetivo que a escrita de Bojunga recebe. Sobre essa perspectiva que Maria Nikolajeva (2023), esclarece que:

As autoras mulheres subjetivam o seu eu narrativo, confirmam sua posição como um sujeito independente. A hierarquia de poder adulta/criança é mais perceptível para uma autora mulher do que na masculina/feminina, e a escolha do narrador é ditada em primeiro lugar pela tentativa de descrever um processo de amadurecimento, um caminho em direção à subjetividade (Nikolajeva, 2023. p. 322).

Esse trecho indica que, quando uma mulher escreve, especialmente no campo da literatura infantojuvenil, ela não apenas narra um acontecimento, mas projeta, em sua escrita, uma subjetividade. Assim, quando Nikolajeva afirma que a representação construída por autoras femininas configura um “processo de amadurecimento”, refere-se não somente ao modo como a escritora narra, mas também à maneira como a própria personagem ganha espaço no seu processo de construção identitária.

Com isso, a obra *Angélica* (2019) ressalta por meio de uma personificação o espaço de construção de uma identidade própria, a partir do momento que a personagem decide escolher a sua liberdade e autonomia, ao invés de obedecer aos desejos de sua família e sociedade. Fica evidente esse posicionamento no seguinte trecho:

- Minha família era um bocado respeitada, a gente levava um vidão! Mas quando cresci e descobri a mentira que o pessoal todo mentia, minha vida ficou ruim que só vendo.
- Que mentira?

- Daí pra frente eu tinha que viver fingindo.
 - Por quê?
 - E se tem coisa que eu não topo é fingir
- (Bojunga, 2019, p. 43).

O trecho em análise, destaca que até o momento em que a personagem não sabia sobre a mentira, ela seguia vivendo uma vida tranquila, como mesmo cita: “um vidão”, mas a partir do momento que começa a tomar consciência de que não queria fazer parte daquela mentira, os traços da sua subjetividade aparecem, e por meio das suas falas deixa evidente sua luta para resistir as imposições de seus familiares.

Visto que, os traços de imposições e uso de poder da família sobre sua existência se manifestam desde muito cedo, a figura personificada da jovem é conduzida a seguir as regras familiares. Nesse sentido, a personagem tem sua trajetória delimitada por expectativas que acabam aos poucos sendo frustradas de forma quase que involuntária por Angélica. É possível observar os traços dessa narrativa no seguinte fragmento:

PAI: Não, não Luneta, vem por aqui. Olha, eu vou riscar uma linha com este giz. Você só vai andar na linha que eu riscar, viu? Pronto. Vem.
 VÔ: Não é por aí não, Luneta! Não é nada disso, menina!
 LUTERO: Xi, ela não andou na linha!
 IRMÃOS: Não andou, papai.
 MÃE: Que pena. Mas não há de ser nada: o resto ela vai fazer direitinho

(Bojunga, 2019, p. 82).

Nesse episódio em que Luneta, primeiro nome que foi atribuído a Angélica, é obrigada a “andar na linha” simboliza de forma expressiva o controle que seu núcleo familiar queria exercer sobre sua formação identitária. A participação dos irmãos sobre a vigilância dessas imposições patriarcais e a fala da mãe, aparentemente apaziguadora, revelam as normas interiorizada por toda estrutura familiar. Sendo Angélica uma personificação feminina, tais mecanismos assumem ainda rigidez, ao recair sobre essas expectativas de obediências patriarcais, que contribuem para a construção subjetiva da personagem ao romper com essas imposições e silenciamentos.

Contudo, embora a narrativa coloque com muito rigor os processos de apagamento e enquadramento da subjetividade feminina, observa-se que, Angélica busca evidenciar por meio de suas falas uma nova perspectiva sobre seus ideais, enquanto figura feminina enquadrada na sociedade. Os traços desse novo posicionamento sobre a verdade, pode ser observado no seguinte diálogo:

ANGÉLICA: A verdade das cegonhas: que a gente não tem nada que ver com o nascimento dos bebês.

A FAMÍLIA: Hmm!!

ANGÉLICA: A gente não vai mais ter que fingir uma coisa que não é... já pensou que legal? (Bojunga, 2019, pp. 92-93).

O gesto de Angélica, portanto, reivindica o seu direito de saber, sobretudo, de falar sobre o que defendia ser o certo. Assim, quando a personagem rejeita a mentira e propõe discursar a verdade, rompe com um dos pilares que regem os dispositivos de gênero: a mulher como sujeito que deve ocultar seus desejos subjetivos. Butler (2018, P. 97) pontua que: “Se considerarmos a identidade de gênero como uma estrutura melancólica, faz sentido escolher a “incorporação” como o modo pelo qual essa identificação se realiza”. Essa “incorporação” refere-se ao modo de como a figura feminina é exposta na sociedade como deve ser ou agir. Angélica é inserida nessa “incorporação”, mas é por ser submetida a esses padrões que a personagem consegue as possibilidades de construir sua própria identidade.

Dessa forma, *Angélica* (2019) inscreve-se no âmbito da literatura infantojuvenil, como uma obra que discorre sobre problemáticas sociais e históricas, especialmente ao que diz respeito a personificação da figura feminina, evidenciando seu processo de constituição por meio da escrita e do discurso. Nesse sentido, ao apresentar uma personagem que desafia as normas de seu gênero, a narrativa mostrar como Angélica é atravessada por esses processos de formação da identidade. Desse modo, Hall (2006) comenta:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (Hall, 2006, p. 38).

Para Hall, a identidade se constrói ao longo do tempo por meio de recursos que envolvem a fala, discursos, conflitos e as relações sociais. Ao mencionar às partes “negadas” no trecho, é possível articular suas teorias aos conflitos vivenciados por Angélica no enredo, pois, por mais que ao longo da trajetória a personagem consiga vivenciar sua constituição subjetiva, era frequentemente impedida de expressar seus

desejos e vontades. Assim, a obra destaca como a construção da identidade feminina ocorre entre normas externas e afirmações internas.

4.2 Subjetividade e emancipação

A obra *Angélica*, de forma lúdica, por meio de imagens, e de personagens representadas por figuras de animais, consegue abordar em sua narrativa questões de grande pertinência para o seu público, enquanto leitores em busca de desenvolver pensamentos críticos, como por exemplo, a subjetividade e a emancipação presente dentro da obra. Essa proposta temática favorece a formação potencializada de seus leitores, ao apresentar conflitos existenciais e sociais por meio de uma linguagem leve e acessível. Nessa perspectiva, Paio e Oliveira, (2006) afirmam que:

É justamente nisso que os projetos mais arranjados da literatura infantil investem, não escamoteando o literário, nem o facilitando, mas enfrentando sua qualidade artística e oferecendo os melhores produtos possíveis ao repertório infantil, que tem a competência necessária para traduzi-lo pelo desempenho de uma leitura múltipla e diversificada. Leitura que segue trilhas, lança hipóteses, experimenta, duvida, num exercício contínuo de experimentação e descoberta. Como a vida (Paio; Oliveira, 2006, p. 12).

Dessa maneira, *Angélica* insere-se nesse modelo de literatura que não subestima a capacidade do seu leitor e compreende que são sujeitos capazes de interpretar as temáticas e produzir sentidos. O processo de emancipação e subjetividade se dão por meio das personificações femininas dentro da obra. É possível evidenciar em alguns trechos, os conflitos que se manifestam em relação ao gênero e a figura patriarcal, sendo as causas principais para a luta dessa emancipação.

Logo, para que haja um processo emancipatório, é preciso que exista um sistema de submissão. Assim, na obra é possível identificar essa trajetória vivenciada tanto por Angélica, como também pelas demais figuras femininas presentes na narrativa, que diferente de Angélica que, vivencia esse processo vinculado a figura paterna, as outras personagens vivenciam pela representação do matrimônio. No seguinte trecho, é possível observar esse mecanismo de submissão e autoritarismo sobre a figura feminina:

- Mas eu vou sozinho: minha mulher fica em casa.

- Ah, jota! – disse a mulher toda triste. Quis dizer muito mais, mas as palavras trancaram na garganta e só quem conseguiu sair foi uma lágrima pequenininha.
 - Ah, o quê? Lugar de mulher é dentro de casa cuidado dos filhos, pronto, acabou-se!
 (Bojunga, 2019, pp. 118-119).

A personagem mencionada no trecho, é uma figura personificada da mulher que é conhecida por boa parte da narrativa como Mulher-do-Jota. Esse fragmento, possui um diálogo entre a personificação da figura masculina em detrimento da figura feminina, destacando como esse processo de submissão e até mesmo censura da voz feminina, como aquilo que “trancavam a garganta” simboliza não apenas o impedimento da fala oralmente, mas também o apagamento simbólico da subalternidade da figura feminina nesta relação de poder.

Desse modo, as representações da figura feminina dentro da obra são submetidas a esses mecanismos de relação de poder que, exploram a personificação da figura masculina como o principal representante dessa subalternidade e dominação da personificação da mulher. De acordo com Bourdieu (2012), a dominação masculina estrutura-se por meio de ações que tentam invisibilizar e inferiorizar os movimentos do corpo feminino, enquanto os homens possuem maior domínio do corpo e em especial nos lugares públicos e de poder.

Nessa Lógica, a figura feminina é colocada como um sujeito, cujo gestos, vozes e decisões são devidamente restritos e regulados. Em *Angélica* (2019), é possível evidenciar mais um trecho em que o personagem Crocodilo, esposo da *Mulher-do-jota* deixa evidente seu poder sobre a vida da personagem: Bojunga (2019, p. 120) “– A mulher é minha, a casa é minha e as panelas são minhas: você não tem nada de se meter nisso, ouviu?”. Com isso, é notório a relação de poder sobre a figura feminina, a personificação do homem por meio do personagem Crocodilo, deixa evidente as marcas do patriarcado e da submissão enfrentada pela figura feminina.

A personagem *Mulher-do-jota* é uma das figuras da obra que tem sua autonomia negada ao longo da narrativa. No entanto, Bojunga, assim como atribui a Angélica o papel de questionadora das imposições sociais, também possibilita que a Mulher-de-jota desenvolva seu movimento de emancipação, ao questionar sua posição enquanto fêmea. É possível evidenciar esse processo quando a personagem interroga seu próprio nome, o qual era atribuído a figura masculina do seu esposo. Observa-se essa ruptura e busca por sua subjetividade no seguinte trecho:

É o seguinte: eu queria dizer pra vocês que eu tenho um nome. Um nome que também começa por jota. Que coincidência, não é? Pois é: eu me chamo Jandira. E eu queria pedir a todos os presentes pra não me chamarem mais de mulher-de-jota. Daqui pra frente todo mundo me chama de Jandira, está bem? – Suspirou. Aliviada e satisfeita. – Pronto, era só isso. - Sentou (Bojunga, 2019, p. 155).

Nesse fragmento, fica visível o momento que a submissão passa para um processo emancipatório, a coragem e busca de Jandira por uma liberdade e autenticidade fez com que enfrentasse a figura masculina e todos ali presentes para se firmar como uma personagem que ganha espaço e voz, e que consegue construir sua própria identidade.

Com isso, inicia-se o processo de subjetivação ao se posicionar contra todas as regras e imposições colocadas sobre si durante sua vida. Dessa forma, a categoria de emancipação, articulada à construção da subjetividade, dialoga com as reflexões de Paulo Freire sobre o papel dos sujeitos oprimidos na transformação de sua própria realidade. Freire (1987, p. 30):

É preciso que também se insiram criticamente na situação em que se encontram e de que se acham marcados. E isto a propaganda não faz. Se este convencimento, sem o qual, repetamos, não é possível a luta, é indispensável à liderança revolucionária, que se constitui a partir dele, o é também aos oprimidos. A não ser que se pretenda fazer para eles a transformação e não com eles – somente como nos parece verdadeira esta transformação.

Com isso, Paulo Freire contribui, por meio de suas teorias, para a compreensão de como o sujeito deve se posicionar diante do sistema opressor. Na obra *Angélica*, a emancipação da personagem ocorre justamente a partir das situações de opressão que atravessam sua caminhada, as quais são responsáveis por impulsionar a sua busca por uma identidade própria.

Durante a trajetória de Angélica, Bojunga procura narrar de uma forma lúdica e simbólica a configuração de uma jovem mulher em busca de uma igualdade e autonomia, sua esperteza e intelectualidade não a tornava superior a figura masculina, mas demonstrava sua busca por autenticidade: “angélica sabia música, sabia ler e escrever, até poesia ela sabia fazer” (Bojunga, 2019, p.43). Com isso, Lygia tensiona sobre a figura de Angélica, uma jovem menina a procura de igualdade de gênero, que não seja limitada a atributos predefinidos por uma sociedade.

A personalidade das obras de Lygia, buscam pontuar esses conflitos sociais que são visualizados na sociedade desde muito tempo, e sobre a relação dos gêneros ela busca construir personagens representativas da força feminina para ir contra essas representações do poder masculino. Sobre essa perspectiva, Beauvoir (1970, p. 12) analisa: “nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si”. Ou seja, segundo essa abordagem de Beauvoir, é possível analisar que a mulher é colocada como o “outro” do homem, constituída para ser, falar e agir conforme suas ordens. Contudo, é uma luta por essa ruptura de padrão social que Bojunga constrói uma personagem tão autêntica e que procura produzir sua própria história.

Esse processo de autonomia se efetiva de forma precisa a partir do momento que Angélica decide ir embora e construir sua liberdade, assim como é observado no seguinte excerto em que Bojunga (2019, p. 11) “explicador: E assim, com Angélica indo embora para viver a vida que ela achava que deveria viver; chegamos ao fim dessa peça bastante agradável.”

4.3 Angélica como exemplo de resistência

A partir da personificação de uma cegonha chamada Angélica, Lygia Bojunga constrói uma representação simbólica da condição da mulher. Angélica é colocada como figura principal dessa narrativa e suas ações evidenciam, sobretudo, o exercício da resistência feminina. Bosi (2002, p. 131) Destaca que: “a resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico”. Os estudos de Bosi sobre o conceito de resistência dentro da literatura, entrelaçam com as dinâmicas que Lygia Bojunga descreve na personagem Angélica, uma representação da figura feminina que resiste no seu individualismo interno, procurando ser autora da sua própria história e romper com a condição de objeto de discurso que lhe era atribuída.

O principal conflito na obra que delimita as ações da personagem segundo essa condição de resistência, é o desejo de não mentir sobre o envio dos bebês, indo assim, contra a lei que dominava a estrutura de sua família. Ao perceber que não conseguiria convencer seus familiares em falar a verdade, a personagem decide de forma impulsora voltar a ser um ovo e nunca ter nascido, e seu irmão, figura masculina representada na obra, tenta persuadi-la a seguir em diante com essa ideia:

ANGÉLICA: Ah, Lux, eu sou tão infeliz! Eu queria nunca ter nascido.

LUX: Queria mesmo Angélica?

ANGÉLICA: Queria.

LUX: Então por que que a gente não faz o tempo voltar pra trás?

ANGÉLICA: Será que dá pé?

LUX: Dá, sim Você vai ficar outra vez pequenininha, até acabar outra

ANGÉLICA: Quero.

LUX: Então eu vou lá pedir pro tempo voltar pra trás.

ANGÉLICA: Pera aí, Lux, vem cá! Isso não pode ser assim, não. Se o tempo anda pra trás, nós todos vamos acabar dentro do ovo outra vez: papai, mamãe, você, o Vô... (Bojunga, 2019, p. 98).

Apesar do desejo de Angélica em não querer ter nascido por causa dos conflitos vivenciados pela sua família, a personagem ao propor voltar para o ovo por ainda não sabe como lidar com essa mentira. O irmão da personagem, Lux, se dispõe a ajudar, mas logo Angélica questiona os meios pelo qual iria realizar esse ato. Dessa forma, no universo de Angélica, onde a personagem normalmente é sempre submetida a regras e imposições, seu questionamento sobre a volta ao tempo é visto como uma forma de resistência. Assim, ao dizer “isso não pode ser assim, não”, Angélica rompe, ainda que brevemente, a lógica da submissão, pois resistir estar entrelaçado a dúvida, questionamentos e recusa.

Por meio dessa postura aproxima-se do que Regina Dalcastagnè (2014) identifica como uma disputa pelo direito à voz na literatura, em especial quando se trata de personagens femininas, historicamente silenciadas ou representadas de forma subalterna. Para esse autor, a literatura contemporânea brasileira tem sido um espaço de embate simbólico, no qual sujeitos marginalizados lutam para narrar a si mesmos e ocupar o centro da narrativa.

Para tanto, embora Angélica seja uma obra voltada ao público infantojuvenil, ela participa desse mesmo movimento, sobretudo ao colocar uma personagem feminina como centro do conflito e ao atribuir valor à sua fala, à sua indignação e às suas escolhas. Com isso, Angélica não apenas vive a resistência, como também a enuncia.

O principal conflito da obra que delimita as ações da personagem é o desejo de não mentir sobre o envio dos bebês, posicionando-se contra a lei que estruturava sua família. Ao perceber que não conseguiria convencer seus familiares a dizer a verdade, Angélica manifesta o desejo de voltar a ser um ovo e nunca ter nascido.

Durante as falas de Angélica, é possível perceber que a personagem não nasce já predestina ou prepara para resistir as normas que lhe são colocadas, mas

desenvolve sua postura de resistência à medida que entra em conflito com as figuras patriarcais que tentam moldá-la. Ou seja, não é algo natural, mas construído ao longo da narrativa. Os primeiros indícios dessa resistência, surgem quando Angélica descobre a mentira das cegonhas e passa a contestar a lógica de submissão que até então era naturalizada pela sua família. E ao se negar compactuar com a mentira, a personagem rompe com a ordem que sustentava a estrutura afetiva e social de sua família. No trecho a seguir, é visível o descontentamento de Angélica diante da mentira que sempre sustentou sua realidade.

ANGÉLICA: E como é que ficam as crianças todas quando um dia descobrem a verdade? Ficam que nem eu tô agora: com uma raiva danada. A coisa que mete mais raiva é a gente ver foi enganada! E agora vocês querem que eu saia daqui e vá enganar os outros que nem eu fui enganada? Não topo! Não topo! Não mesmo! Puxa vida, tô com tanta raiva que até me engasguei. Não to-po! (Bojunga, 2019, p. 88).

Sua recusa em “enganar os outros” mostra uma postura ética que Angélica decide tomar, pois se coloca como um sujeito destinado a não mais aceitar o lugar que lhe foi imposto. Nesse sentido, Bojunga desenvolveu a significância de resistir por meio dos discursos de Angélica, disputando o direito de sua palavra e a interpretação de si mesma.

Dalcastagnè (2014) faz destaque de que personagens que resistem são aquelas que disputam os sentidos atribuídos a elas e recusam os papéis fixos que a sociedade lhes impõe. No que pontua que ao negar a mentira, Angélica rompe com a ordem simbólica que sustentava a estrutura familiar e social.

Dessa forma, a obra *Angélica* dialoga com Foucault (1988), ao evidencia o discurso articulado ao poder. “O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também a mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”, as normas e expectativas da família e da sociedade se regulavam a partir dos discursos que moldavam sua subjetividade e as regras de seu comportamento. E o resistir de Angélica só é possível porque ela buscou “minar” esses discursos de poder, ao narrar sua própria experiência e refletir seu lugar no mundo.

Ao colocar Angélica como um exemplo feminino de resistência, Lygia Bojunga buscou relatar de forma simbólica e imaginativa os meios pelo qual a personagem consegue externalizar essa subjetividade, relacionando também seu desejo de construir a identificação e a emancipação da criança que ler. Uma das suas

estratégias foi utilizar a mentira vivida por Angélica, sobre ser a figura responsáveis pelos bebês, pois para ela se não era verdade tudo aquilo, não teria motivos para assegurar tamanha mentira. Assim, é possível observar no enredo sua indignação:

ANGÉLICA: Vou falar. Um, dois, três e já: bom, eu queria dizer que eu pensei tudo quanto podia pensar e acabei achando que essa história da gente saber que uma coisa é mentira e ficar empurrando essa pros outros é coisa que não dá pé mesmo.

Pai: Não dá pé pra quem?

ANGÉLICA: Pra ninguém. Nem pra quem mente nem pra quem é enganado. Então eu queria combinar o seguinte: amanhã de manhã bem cedo a gente começa a espalhar a verdade (Bojunga, 2019, p. 92).

Como forma de questionamento e reconstruções narrativas, ao recusar sustentar essa mentira, a personagem opera sobre os discursos dominantes e firma suas vontades como sujeito independente. Bojunga, desde que decidiu escrever sobre uma nova ótica de pensamentos dentro da literatura infanto-juvenil, destacou os assuntos que buscavam um teor social para ser abordado de forma leve e fantasiosa. Ao escrever *Angélica*, a autora coloca em evidencia o rompimento das características atribuídas de forma submissa ao sexo feminina.

Um desse parâmetros que são colocadas sobre a figura feminina para o impedimento de sua resistência, o silenciamento de suas falas e ações. Michelle Perrot, descreve como as mulheres foram historicamente silenciadas e controladas na sociedade ocidental. Como Perrot (2005) descreve:

Os escrivães da história – administradores, policiais, juízes, ou padres, contadores da ordem pública – tomam nota de muito pouco do que tem o traço das mulheres, categoria indistinta, destinada ao silêncio. Se o fazem, quando observam a presença feminina em uma manifestação ou reunião, recorrem aos estereótipos mais conhecidos: mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca, histéricas, assim começam a gesticular (Perrot, 2005, p. 17).

Nessa perspectiva, a mulher resiste quando não aceita o lugar de histeria, do excesso ou do silêncio, pois segundo Perrot, a mulher era descrita exatamente sobre essas características pela figura masculina. Na obra, Angélica vive momentos de repressão, a partir do momento que decide falar a verdade sobre as cegonhas, sua família se une para lhe coagir:

MÃE: Se você espalhar a verdade, você vai fazer de mim a mãe mais infeliz do mundo.

LUME: Olha, Angélica, se você contar a verdade pra alguém, eu te dou cada bicada que você vai ver só.
 LUCAS: E eu nunca mais falo com você, viu?
 LUÍS: Nem eu.
 LUX: Puxa, minha irmã, você é mesmo espírito de porco, hem?
 (Bojunga. 2019, pp. 94-95).

Em suma, Lygia Bojunga constrói por meio da ficção uma personagem que encarna a resistência como coragem de falar quando tudo conspira para calar. Nesse trecho acima, é possível identificar que Angélica constrói sua subjetividade e resistência sozinha, pois não possui uma figura que a encoraja ou sirva de inspiração.

A personagem que representa a mãe de Angélica, é claramente apagada pela figura masculina, apenas concorda e obedece às imposições impostas pelo marido, que sempre deixa claro em suas falas seu poder autoritário:

PAI: Isso vai passar.
 MÃE: Todo dia você diz que vai passar e nunca passa.
 PAI: Vai passar: sou o chefe da casa: sei muito bem o que falo.
 MÃE: Acho melhor a gente suspirar: faz bem.
 (Bojunga, 2019, p. 90-91).

Dessa forma, Bojunga cria duas figuras femininas com destinos diferentes, se a mãe se configura como um indivíduo apagado, que apenas aceita e obedece às regras do marido, Angélica, se firma e rompe com essa estrutura patriarcal, e se torna um exemplo de resistência feminina. A autonomia de Angélica consolida-se quando rompe com o espaço familiar e escolhe ir para o Brasil e viver de forma independente. E assim, acaba realizando um de seus maiores desejos:

Você não disse que queria trabalhar numa coisa que você achasse bacana?
 Você não disse que um dia queria contar sua história pra mais gente ouvir?
 Então? Mistura as duas coisas, Angélica! Pega tudo que você me contou no restaurante, faz um teatrinho com a tua história e sai mostrando por aí.
 Pronto: fim da ideia (Bojunga, 2019, p. 66).

Diante do exposto, Angélica monta um teatro da sua própria história e mostra como sua subjetividade pode ser construída de forma autônoma, a partir das suas ideias e ações. Dessa forma, Lygia Bojunga criou uma personagem completa, que mesmo com todos os processos de submissão e aprisionamento, se desvencilha e cumpre um papel de emancipação e resistência da figura feminina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar de que maneira a obra *Angélica* (2019), de Lygia Bojunga, representa a construção da subjetividade feminina, articulando temas como poder, identidade, resistência e normatividade de gênero no âmbito da literatura infantojuvenil. Ao longo do trabalho, buscou-se compreender como a narrativa literária pode funcionar como espaço de problematização social, sobretudo no que se refere às formas de silenciamento e às possibilidades de emancipação do sujeito feminino.

No Capítulo 2, o estudo situou Lygia Bojunga no contexto da renovação da literatura infantojuvenil brasileira, destacando seu papel fundamental na ruptura com modelos pedagógicos tradicionais e moralizantes. A partir das contribuições de autoras como Nelly Novaes Coelho, Malheiros, Lajolo e Zilberman, evidenciou-se que a escrita de Bojunga inaugura uma literatura comprometida com a formação crítica do leitor, capaz de abordar conflitos existenciais, sociais e identitários por meio de uma linguagem simbólica e acessível. Nesse capítulo, demonstrou-se ainda como a representação feminina ocupa lugar central em sua obra, especialmente em *Angélica*, onde a personagem encarna a luta contra padrões patriarcais naturalizados.

O Capítulo 3 aprofundou a discussão teórica sobre a subjetividade como construção social, tomando como base as reflexões de Michel Foucault acerca das relações entre poder, discurso e constituição do sujeito. A análise evidenciou que a subjetividade não se forma de maneira autônoma ou isolada, mas é produzida historicamente por meio de dispositivos sociais como a família, a escola e as normas culturais. Nesse sentido, a trajetória de *Angélica* foi interpretada como exemplar de um sujeito que, embora atravessado por discursos normativos, busca resistir a eles, tensionando os limites impostos à sua forma de existir.

Ainda nesse capítulo, ao dialogar com autoras como Simone de Beauvoir, Heleieth Saffioti e Pierre Bourdieu, o trabalho destacou como a subjetividade feminina é historicamente moldada por estruturas patriarcais que relegam a mulher a posições de subalternidade. A personagem Angélica, ao questionar a mentira sustentada por sua família e recusar a obediência cega às figuras masculinas, simboliza a possibilidade de ruptura com esse modelo, afirmando-se como sujeito de fala, de escolha e de ação.

O Capítulo 4 concentrou-se na análise da escrita e da fala como práticas fundamentais na construção da identidade e da emancipação feminina. A partir das contribuições de Stuart Hall, Judith Butler, Michelle Perrot, Audre Lorde e Maria Nikolajeva, demonstrou-se que o ato de falar, escrever e narrar a própria experiência constitui um gesto político de resistência. Em Angélica, a recusa ao silêncio e a insistência na verdade configuram-se como estratégias de subjetivação que rompem com a lógica da submissão feminina. O teatro criado pela personagem, ao final da narrativa, simboliza não apenas sua autonomia pessoal, mas também a potência transformadora da linguagem.

Dessa forma, a análise evidenciou que Angélica não se limita a uma narrativa infantojuvenil de caráter lúdico, mas se insere em um campo literário comprometido com questões sociais, históricas e políticas. A obra reafirma o potencial da literatura infantojuvenil como instrumento de formação crítica, capaz de estimular reflexões sobre gênero, identidade e emancipação desde a infância.

Conclui-se, portanto, que os objetivos propostos foram plenamente alcançados, uma vez que a articulação entre teoria e análise literária possibilitou compreender os mecanismos pelos quais a subjetividade feminina é construída, tensionada e reinventada na narrativa de Lygia Bojunga. Angélica revela-se uma obra que não apenas representa a mulher, mas problematiza sua condição, reafirmando a literatura como espaço de resistência e transformação social.

Como encaminhamento para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do corpus analítico para outras obras de Lygia Bojunga que também apresentam personagens femininas em processos de silenciamento e resistência. Recomenda-se, ainda, investigar a recepção dessa obra por leitoras e leitores jovens, analisando de que modo narrativas como Angélica contribuem para a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero.

REFERÊNCIAS

ANDO, Marta Yumi. **Fazendo retratos e experimentos**: a performance da linguagem em Lygia Bojunga. São José do Rio Preto: [s.n.], 2011.

ALVES, Nilda; FONTANA, Roseli; CUNHA, Maria Isabel da. **Literatura infantojuvenil e formação do leitor**: novas fronteiras e possibilidades. Porto Alegre: Mediação, 2020.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo o sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.

BOJUNGA, Lygia. **Angélica**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga. 2019.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 11^a ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 1^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BRASIL ESCOLA. **Literatura infantojuvenil**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br>. Acesso em: 12 jan. 2026.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**: história-teoria-análise: das origens orientais ao Brasil de hoje. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2014.

DICIO. **Dicionário online de português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br> acesso em 14 jun. 2025.

- FARIAS, Tânia Marta Maia; CUNHA, Maria Zilda; FONTANA, Vanessa Maria. **Literaturas de recepção infantil e juvenil e linguagens do imaginário**: caminhos de leitura. São Paulo; Catu, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed. Rio de Janeiro; Florense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil Brasileira**: História e histórias. 7 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e ação**. Geledés – instituto da mulher negra, São Paulo, 28 mar. 2015.
Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>
Acesso em: 13 dez. 2025.
- MALHEIROS, Eglê. “**A criança na corda bamba**: a literatura de Lygia Bojunga Nunes”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no 5. Brasília, março de 2000.
- NIKOLAJEVA, Maria. **Poder, voz e subjetividade na literatura infantil**. Tradução Camila Werner; apresentação Elisabeth Cardoso. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- PAIO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa d. **Literatura infantil**: voz de criança. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização**. Reelaboração de artigo publicado o caderno “Mais” da folha de São Paulo. São Paulo, 1996.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classe**: mito e realidade; Prefácio de Antônio Cândido de Mello & Sousa. Petrópolis, vozes, 1976.

SILVA, Maria Marlene. **As relações sociais da criança na obra de Lygia Bojunga Nunes**. Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S.l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 14 dez. 2025.

VIANA, Guilherme. "Personificação (prosopopeia)". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/personificacao-prosopopeia.htm>. Acesso em: 14 dez. 2025.